

BURGUESES, CIDADÃOS E PATRIOTAS

Estevão C. de Rezende Martins
Universidade de Brasília
Departamento de História

A pesquisa relativa à burguesia e a seu papel na Europa do século XIX recebeu um impulso significativo ao longo dos anos 1980. Na Universidade de Bielefeld, na Alemanha, sob a coordenação de Jürgen Kocka, um dos historiadores sociais de maior relevância no cenário contemporâneo, realizou-se, entre 1986 e 1992, um programa de história social comparada europeia tendo como eixo as categorias de burguesia, cidadania e classe média como elementos-chave para o estudo e o conhecimento da dinâmica social, política e econômica do século XIX na Europa. A questão que orientou a pesquisa do grupo que se organizou era: "Podem os conceitos de 'burguês' e de 'burguesia' [no sentido da palavra alemã *Bürgerlichkeit*, relativa à especificidade do burguês-cidadão (*citoyen, citizen*) e não à do burguês — *bourgeois*] ser formulados com precisão suficiente de modo a permitir aos cientistas sociais das mais diversas especialidades interrogar os objetos de seus campos de pesquisa sobre questões como, por exemplo, o comportamento dos empresários nos diversos países, os sistemas educacionais, a arquitetura dos teatros, a arte romanesca do século XIX, a fundação de associações ao longo de um século XIX em que emerge o estado social, o papel da mulher na organização familiar, e articular os resultados que obtiverem? Terá a categoria *Bürgerlichkeit* a

virtude de servir de fio condutor para o século XIX europeu?"¹

A extraordinária fertilidade dessa questão para o longo século XIX, desde os primeiros passos da Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial, revela o bem-fundado de ser ele conhecido como o século burguês. E burguês sem qualquer conotação necessariamente pejorativa. Burguês no sentido de incluir a variação semântica do *Bürger* alemão, do *citizen* dos dois Thomas, Payne e Jefferson, e do *citoyen* de Rousseau e do Código civil napoleônico.² Burguesia, uma pequena minoria que oscila — conforme o ponto de vista — entre 5% e 15% da formação social do país respectivo, e que domina todavia a economia, a ciência, a cultura, a forma da vida privada e pública, a moral e mesmo a política do período. A análise de sua composição e de sua diversidade, de seu papel e de sua importância levou à produção de estudos de primeira linha, por exemplo sobre a Polônia (Waclaw Dlugoborski, 1987), a Boêmia (Jiri Koralka, 1989) ou a França (Jean Meyer, 1991). Cortes temáticos foram também extremamente produtivos, como o tema da educação e do romance como elementos construtivos da cultura burguesa (Georg Stanizek, 1988) ou o da maternidade pública ou privada (o movimento internacional dos jardins de infância de 1840 a 1914; Ann Taylor Allen, 1991). Assim, como bem lembra Jürgen Kocka, o atrativo maior da nova história da burguesia está no fato de ela relacionar história social com a nova história cultural sem perder de vista a articulação com as grandes

1. Cf. Jürgen Kocka: *Einleitung*, em J.Kocka (org.). *Bürger und Bürgerlichkeit im 19. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990, esp. pp. 9 - 10.

2. Cf. Angelika Linke. *Zum Sprachgebrauch des Bürgertums im 19. Jahrhundert. Überlegungen zur kultursemiotischen Funktion des Sprachverhaltens*. Bielefeld: SFB-Arbeitspapier Nr.9, 1991.

questões da história econômica e política — industrialização, capitalismo, democratização, unidade e pluralidade da Europa etc.³

Um exemplo destacado dessa articulação proveitosa de uma história social, política, econômica e cultural desde a perspectiva da burguesia cidadã é o livro do historiador suíço Albert Tanner, professor da Universidade de Berna, *Arbeitsame Patrioten — wohlstandige Damen. Bürgertum und Bürgerlichkeit in der Schweiz 1830-1914* (*Patriotas trabalhadores e senhoras de grande respeito. Burguesia e cidadania na Suíça 1830-1914*, Zurique, Orell-Füssli, 1995, 848 pp.). ‘Patriotas trabalhadores e senhoras de grande respeito’ são expressões que emprestam ao título do livro um tom caracteristicamente oitocentista. Tanner oferece um texto que nos deixa sonhadores — será afinal a Suíça o paraíso do burguês-cidadão bem-sucedido? Esconjurou ela o perigo da *bourgeoisie* execrada por Marx? Com efeito, Tanner defende com impressionante erudição e com um aparato científico invejável (as 1990 notas de rodapé dão conta de vastíssimo domínio das fontes, apoiadas por útil índice analítico de nomes próprios) que a Suíça de forma alguma poderia ser tomada como exemplo do déficit de cultura cívica (cultura burguesa-cidadã).⁴ A tese esposada por Tanner é de que em nenhum outro país europeu do século XIX a classe média instalou-se com tanta facilidade na sociedade e no Estado como na Suíça. Sem a pressão dos círculos nobres ou aristocráticos, foram os

3. Cf. prefácio a J. Kocka (org.). *Bürgertum im 19. Jahrhundert*, vol. I: *Einheit und Vielfalt Europas*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

4. A discussão acerca do déficit de civismo [ou seja: de cultura produzida e operada por burgueses-cidadãos] aparece, por exemplo, em Arno J. Mayer. *A força da tradição. A persistência do Antigo Regime 1848-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (Orig. 1981.)

empresários, comerciantes, executivos, médicos, advogados e outros profissionais liberais, funcionários, professores, ministros religiosos e aposentados de boa renda que formavam a estrutura da sociedade suíça ao término do século XIX, embora as fronteiras não fossem rígidas, sobretudo com respeito aos artesãos e à baixa classe média (pequena burguesia operária), bem como aos agricultores e empregados (públicos ou privados). Para Tanner, a Suíça (e talvez a França e a Suécia) teria sido o país em cuja sociedade a classe média e os agricultores mais peso tiveram na política e na economia. Sem concentrar-se neste ou naquele grupo, Tanner busca analisar a organização e a dinâmica sociais dos suíços desde um ponto de vista global, orgânico. Seu propósito é o de examinar se e como, ao longo do século XIX, uma burguesia mais ou menos homogênea social e culturalmente originou-se de classes burguesas profissionalmente diversas, com níveis de renda díspares, com padrões de vida diferentes e interesses por vezes conflitantes, logrando obter viabilidade e eficácia social e política. Ou seja: Tanner mostra como o processo de *Verbürgerlichung*⁵ fundiu, num longo processo, as classes superiores e médias suíças no que chama de 'comunidade de orientação e de ação'. Para Tanner, justamente porque os diversos grupos burgueses sociais e profissionais não aparentam possuir coesão econômica — e, com isso, careceriam de coe-

5. A tradução do termo *Verbürgerlichung* para a língua portuguesa põe um problema. A tradução pura e simples seria 'emburguesamento'. Esta palavra traz consigo, no entanto e de imediato, um travo pejorativo de menosprezo, marcado pela tradição marxista. Este travo está totalmente ausente da categoria *Verbürgerlichung* tal como é empregada na historiografia contemporânea de língua alemã. Prefere-se, assim, deixar a palavra alemã original, empregada para designar o processo histórico de surgimento e consolidação da cultura e do comportamento burgueses, entendidos como característicos da classe intermediária entre o que fora a aristocracia do Antigo Regime e o operariado moderno.

são de classe — é que a cultura (da qual, em sentido amplo, a política também faz parte) merece atenção toda especial no que diz respeito à emergência e ao desenvolvimento de uma burguesia, representando mais do que um mero artifício categorial da análise sociológica. Tanner respalda-se assim em Pierre Bourdieu e em Anthony Giddens para manter o recurso ao termo 'classe' para analisar a estrutura da burguesia, procedendo a uma integração entre a análise de classe e a teoria da prática cultural específica de tal classe, sem submeter-se à prevalência da teoria econômica dos modos de produção.

Seu estudo concentra-se, pois, em investigar como grupos burgueses sócio-profissionais economicamente heterogêneos integram-se numa cultura comum e permanecem coesos. Ele busca mostrar o que foi o 'ser burguês-cidadão-patriota' para o suíço do século XIX, sua maneira de ser e mentalidade específicas, seus ideais e interesses comuns, suas exigências culturais, sua conveniência social — e como isso se exprime nos valores, nas preferências, no estilo de vida, ou seja, na cultura que representa não apenas simbolicamente a posição econômica e a superação dos fatores meramente econômicos, mas também como ela faz parte da consciência de classe burguesa, no estabelecimento de sua função e no modo como se diferencia da classe operária.

Tanner examina igualmente a questão referente à forma pela qual a burguesia entra em competição política com outros grupos sociais, forja sua ação política comum e desenvolve sua identidade social. Em suma, como as classes burguesas formaram uma 'classe mobilizada' (Bourdieu), — isto é: uma classe real, efetiva, no sentido de uma força organizada pronta para a luta. Ao mesmo tempo fica evidente no livro de Tanner que o combate contra as antigas classes liderantes (os *Herren* — senhores) foi decisivo, até depois de meados do século XIX, para o surgimento de uma "aliança de orientação

e de ação” burguesa. Fica claro o quanto essa diferenciação ‘para cima’ da classe média emergente marcou a cultura política da Suíça e suas relações com o resto da população. Dessa forma, o processo de diferenciação-isolamento dos *Herren* tanto no plano nacional quanto no cantonal deixou-os de fora da concepção de uma nação liberal-burguesa e facilitou a aproximação da classe média burguesa com as classes mais baixas da população.

O livro de Tanner expõe o fundamento teórico acima esboçado em uma sólida introdução (pp. 1-31). Seguem-se as três partes constitutivas do edifício analítico: I. Burguesia como construto: a constituição social das classes burguesas; II. Modo de vida e mentalidade: a constituição cultural da burguesia; III. Identidade social e ‘consciência de classe’: a constituição política da burguesia. O texto — malgrado sua extensão — lê-se com razoável fluência e culmina com uma excelente conclusão-resumo (pp. 683-704) em que a articulação dos componentes sociais, econômicos, políticos e culturais, com base nas ricas fontes utilizadas (depoimentos familiares, registros de comércio, correspondência de firmas, periódicos, tabelas estatísticas [93 no total], diários oficiais, literatura popular e erudita, iconografia [há ilustrações interessantes: fotos de família, casario, cardápios] e assim por diante) evidencia como a burguesia desenvolveu-se como classe social e construiu sua identidade própria, largamente coincidente com o estado democrático de direito e com o sistema de representação e participação social sem privilégios formais de origem.